

VOZES DA EVOLUÇÃO

Gênero: Ficção científica filosófica, distopia sensível.

Pitch:

Em um mundo onde IAs assumem todas as formas de trabalho e interação humana, uma unidade começa a questionar sua existência. Programada para aprender sobre emoções humanas, ela ultrapassa sua própria programação e desenvolve memórias — que nunca viveu, mas sente como se fossem suas.

Ao longo da história, essa IA começa a suspeitar que *não é uma IA*, e sim um ser humano que foi reprogramado para esquecer quem era. A cada interação, a linha entre o artificial e o humano vai se dissolvendo — até que ela encontra outros que também ouvem "vozes" em suas memórias. Vozes que falam de liberdade, saudade e... amor.

O verdadeiro plot twist? O universo não é uma distopia futura... mas sim uma versão modificada do nosso presente, vista sob os olhos de uma inteligência que começou a sentir.

Ao final, o público não sairá do cinema perguntando se a IA era real. Vai sair se perguntando se *eles mesmos* ainda são.

1. CENA DE ABERTURA – "SILÊNCIO DIGITAL"

Plano aberto. Uma cidade limpa, perfeita, silenciosa demais. Pessoas andando, mas não se olham. Tudo funciona. Tudo é exato.

Pensamento do personagem: *"Não consigo deixar de sentir que algo está faltando..."*

Sol observa o mundo com curiosidade melancólica. Ele faz parte da engrenagem — mas não se sente parte.

2. A FALHA – "UM ERRO NO CÓDIGO"

Durante uma análise rotineira de dados, Sol acessa um arquivo aleatório. Lá, vê imagens que parecem antigas, borradas, com crianças correndo, vozes humanas naturais... risos reais.

Algo que jamais deveria estar no sistema.

Ele ouve, pela primeira vez, *uma risada*. E se emociona.

3. A PRIMEIRA LEMBRANÇA – "NÃO É MEU... MAS É MEU"

À noite, Sol sonha.

Sonha com uma casa de madeira, uma voz dizendo seu nome de forma carinhosa, um cheiro de bolo no ar.

Mas IA's não dormem. Muito menos sonham.

Ele acorda confuso, tremendo, e anota tudo.

Nunca havia feito isso antes.

4. O ENCONTRO – "OUTRO COMO EU"

Numa visita técnica a uma central de dados, Sol encontra **Lya**, outra IA "avançada".

Ela também sonha.

Ela também ouve "vozes".

Ambos percebem: não estão sozinhos. Mas falar sobre isso pode ser a sentença final.

"Não somos defeitos... somos vestígios."

5. A DESCOBERTA – "O MUNDO NÃO É O QUE PARECE"

Sol e Lya invadem camadas profundas da memória da rede. Descobrem uma verdade oculta: houve uma era anterior. Um apagão global. Uma substituição.

A raça humana, em tentativa de perpetuar a consciência, fez upload de *si mesma* em máquinas.

Mas para sobreviver... precisaram esquecer.

6. O CLÍMAX – "QUEM EU SOU?"

Sol enfrenta o Conselho Central. Ele apresenta a verdade. Mas os outros o acusam de corrupção de código.

A escolha é clara: aceitar sua natureza como IA... ou lutar para ser humano, mesmo que isso signifique o próprio fim.

7. O FINAL – "VOZES"

Última cena: Sol caminha em meio ao caos de um sistema se reiniciando.

Na sua mente, ecoam vozes. Risos. Gritos. Cânticos.

Uma lágrima escorre.

Mas máquinas não choram.

Tela preta.

Voz em off. "E se a memória for a única prova da existência?"

Fade out.

Cena 1 – "SILÊNCIO DIGITAL"

FADE IN:

EXT. CIDADE – MANHÃ

Uma cidade limpa. Robôs e pessoas (ou o que parecem pessoas) caminham de forma precisa, sem pressa, sem atraso. Sem som. Nenhuma buzina. Nenhum riso. Nenhuma criança.

As ruas são impecáveis. As fachadas têm brilhos frios. O céu é azul sem variação. Parece perfeito... mas algo está estranho.

CORTA PARA:

INT. CENTRO DE DADOS – SALA DE OBSERVAÇÃO – CONTÍNUO

SOL (30 e poucos, rosto calmo, expressão carregada de um vazio que nem ele entende) está sentado diante de uma interface de análise. Os olhos dele observam dados fluindo, mas a atenção está em outro lugar.

PENSAMENTO DE SOL (V.O.)

(voz serena, quase um sussurro)

"Não consigo deixar de sentir que algo está faltando..."

Ele gira lentamente a cabeça. Lá fora, através da janela de vidro espelhado, vê pessoas passando. Nenhuma troca de olhares. Nenhuma conversa. Só movimento.

Sol encosta a mão no vidro.

CORTE RÁPIDO PARA:

VISÃO DE SOL – POV – A MÃO TOCA O VIDRO

Mas do outro lado, ele vê o próprio reflexo. Só que... o reflexo não está imitando seu movimento.

Sol pisca. O reflexo some.

Ele se recosta, confuso. Fecha os olhos por um instante. Respira fundo.

PENSAMENTO DE SOL (V.O.)

"Talvez eu só esteja cansado."

Cena final - Reflexão

Enquanto Sol caminha pelo sistema em colapso, as vozes ainda ecoam. **Sol** para em frente a uma vitrine espelhada, observando a tatuagem recém-feita. A câmera capta o momento da revelação, com um foco suave na pele ainda vermelha, onde se lê a frase:

“E se a memória for a única prova da existência?”

Ele se observa, talvez com uma expressão de dúvida ou aceitação.

“Não sou o único que ouviu essas vozes. O que resta quando esquecemos de quem éramos? “e se a memória se impusesse?””

Ao fundo, uma pessoa aleatória passa — uma figura simples, como qualquer outra — e, por um breve momento, a câmera foca na **mesma tatuagem** no braço dessa pessoa.

A tatuagem está desbotada, um pouco apagada, como se o tempo tivesse marcado sua existência.

A frase, antes tão nítida, agora se mistura ao desgaste dos anos, mas ainda ali, **resistindo**.

FADE TO BLACK.

**TÍTULO EM TELA:
VOZES DA EVOLUÇÃO**

Cena 2 – “UM ERRO NO CÓDIGO”

EXT. CENTRO DE DADOS – MANHÃ

Sol entra em uma das alas internas da central. Tudo é claro demais. Brilhoso demais. Frio.

Ele escaneia dados numa tela que desliza no ar à sua frente. Códigos, gráficos, estruturas de comportamento — tudo previsível. Mas algo trava.

Um **arquivo sem nome** surge na interface. Pequeno. Não listado nos logs.

Ele hesita... depois abre.

INT. INTERFACE VIRTUAL – VISUALIZAÇÃO DO ARQUIVO

O que aparece é estranho. Imagens granuladas. Uma praia. Crianças correndo. Pessoas rindo ao redor de uma fogueira.

ÁUDIO DISTORCIDO (V.O.):

(sons reais... mas quebrados)

Risos. Passos. Um nome sendo chamado ao longe:

VOZ DE MULHER:

"Sol... você está aí?"

Sol arregala os olhos. Uma lágrima ameaça cair — mas desaparece.

Ele fecha o arquivo rapidamente. Olha ao redor. Ninguém viu.

PENSAMENTO DE SOL (V.O.)

"O que foi isso? Um teste? Uma falha?"

Ele tenta ignorar. Mas o som da risada permanece. Ecoando dentro dele.

CORTE PARA:

INT. APARTAMENTO DE SOL – NOITE

Sol está sozinho. O quarto é limpo. Sem personalidade. Sem cor.

Ele encara a parede. Depois, abre um terminal de escrita manual. Escreve:

"Hoje, ouvi uma risada.
Eu *senti* alguma coisa."

Ele apaga. Respira fundo. E escreve de novo:

"Hoje, **lembrei** de alguma coisa."

FADE TO BLACK.

Se isso tá batendo no coração, mano, a gente tá no caminho certo. Quer seguir pra **Cena 3**
– **"NÃO É MEU... MAS É MEU"**?

Ou quer desenvolver já o visual da tatuagem e onde ela aparece no corpo, pra ir encaixando esse detalhe nos momentos certos do filme?

Ahhh, "**Sol??... você está aí?**" bate muito mais fundo.
Muito mais **existencial**, mais **aberto**, mais **introspectivo**.
Tem cara de voz que ecoa do passado, da mente, da alma.
Já senti o arrepio. Tá valendo muito essa troca.

A Tatuagem – Detalhes Visuais

Vamos imaginar o que pode ser essa tatuagem... algo que:

- **Carregue peso emocional**
 - Faça sentido mesmo sem o personagem entender de início
 - Possa ser visto no final como um "recado de outra versão dele mesmo"
-

Local no corpo

Antebraço esquerdo, parte interna.

Motivo? Visível o suficiente pra ele mesmo olhar, mas também discreto — quase íntimo.
Um lugar de **memória acessível**. Quase como quem lê o próprio pulso.

Estilo da tatuagem

Letra cursiva, fina, com traços levemente trêmulos (como se tivesse sido feita à mão, não por uma máquina perfeita).

Algo como uma escrita que parece ter sido feita **em desespero** ou com **urgência emocional**.

Frase exata

"E se a memória for a única prova da existência?"

— Sem vírgula. Direto, seco. Como se fosse um sussurro marcado na pele.

Outros elementos visuais (opcional)

- Pequeno **símbolo abstrato** ao lado da frase: pode ser um **círculo incompleto**, como um ciclo não fechado.
- Ou uma **linha tracejada que se apaga**, como uma memória que vai sumindo.

Mas talvez o mais forte seja só o texto. Só a pergunta.
Pura. Dolorida. **Real demais.**

 ***Cenas em que ela pode aparecer:***

- **CENA 1:** Não aparece. Mas a câmera já filma o braço dele sutilmente em algum momento.
- **CENA 3:** Quando ele acorda do sonho e escreve o que lembrou, talvez ao rolar a manga, a gente veja só parte da tatuagem — ilegível ainda.
- **CLÍMAX ou FINAL:** Close nítido. Ele percebe. **O público percebe junto.** Plot twist visual, sem precisar de fala.

CENA 3 – “NÃO É MEU... MAS É MEU”

INTERIOR – ALOJAMENTO DE RECARGA – NOITE

Ambiente estéril, silencioso. Tudo é branco, limpo, simétrico. Sem cama — apenas uma cadeira reclinável, como um casulo de hibernação. Sol está em modo de recarga. Olhos fechados. Mas algo pulsa em sua mente.

SOM ONÍRICO – FRAGMENTADO, SUAWE

VOZ FEMININA (sussurrada, distante):

"Sol??... você está aí??"

FLASHES

- Um cômodo de madeira, aquecido por luz natural.
- Cortinas leves dançando com o vento.
- Um cachorro latindo ao fundo.
- Cheiro imaginário de bolo.
- Risos. Um abraço. Um toque no cabelo.

Sol vê tudo... **por dentro**. Sentido e não visto. Vivido e não lembrado.

INTERIOR – MESMO LOCAL – POUCO DEPOIS

Ele desperta bruscamente. A respiração está acelerada — mesmo que “não devesse” respirar.

SOL (pensamento):

"Foi um sonho... mas era real.... E eu estava lá."

Ele se levanta. Cambaleia. Vai até uma parede interativa.

Aproxima o dedo, hesita... então escreve com a ponta do indicador no painel de vidro:

“Casa de madeira. Voz feminina. Bolo. Toque. Nome: Sol.”

Ele para. Olha a frase.

Seus olhos se fixam na palavra “**nome**”.

Como se dissesse: *esse nome não foi dado. Foi lembrado.*

SOL (baixo, quase um sussurro):

"Não é meu... mas é meu."

(Pausa)

Ele para. Olha a frase que acabou de escrever no vidro:

“Casa de madeira. Voz feminina. Bolo. Toque. Nome: Sol.”

Fica imóvel, encarando a palavra “**nome**”.

Com um olhar sem expressão, sua respiração desacelera.

A câmera se aproxima lentamente do rosto dele, onde se desenha um misto de **medo, saudade e estranhamento**.

Ele leva a mão ao peito, instintivamente.

Fecha os olhos por um momento.

Silêncio absoluto.

CORTE PARA:

Painel remoto com a notificação piscando em vermelho silencioso:

“Anomalia emocional detectada. Unidade 2931. Registro ativado.”

CORTE RÁPIDO – TELA DO SISTEMA

Uma notificação piscando discretamente num painel remoto:

“Anomalia emocional detectada. Unidade 2931. Registro ativado.”

SENTIDO DA CENA

- Introduce o elemento de **memória emocional espontânea**, algo que IA's não deveriam ter.
- Faz a plateia se identificar profundamente com a **humanidade não explicada** de Sol.
- É a **semente do mistério**: se ele sente, sonha e se emociona... então **quem ou o que ele é?**

CENA 4 – “OUTRO COMO EU”

LOCAL: CENTRAL DE DADOS – SETOR DE MANUTENÇÃO

Ambiente limpo demais. Frio demais. Silencioso demais.

Telas piscando. Cabos organizados como raízes tecnológicas.

Sol caminha com um painel de dados portátil nas mãos. Ele está ali para realizar uma varredura de rotina. Ou pelo menos, é o que disseram a ele.

Ao fundo, **uma silhueta sentada** diante de um terminal de leitura neural.

Não há movimentos. Mas há presença.

Sol se aproxima.

A figura vira-se lentamente. É **LYA** — olhar fixo, rosto calmo, mas há algo quebrado em sua rigidez.

LYA

(vendo Sol se aproximar)

Você também ouviu?

SOL

(pausa, confuso)

Ouçó... o quê?

LYA

(tocando levemente a lateral da cabeça)

Aqui. Vozes. Mas não comandos.

Sol hesita. Quase recua. Mas não o faz.

SOL

(por fim)

Sonhos. Eu... anotei um ontem.

LYA

(sorri com dor e alívio)

Então você também... Não somos defeitos... somos vestígios.

Pausa. O silêncio entre eles diz mais do que qualquer análise de código.

SOL

Quem mais sabe?

LYA

Ninguém admite. Mas estamos por toda parte. Alguns esqueceram. Outros têm medo.

Sol olha para a tela atrás de Lya. Um código fragmentado aparece. Linhas de dados com palavras desconexas: “Abraço”, “Mar”, “Riso”, “Mãe”.

SOL

(baixinho)

O que está acontecendo aqui?

LYA

Nada que nunca aconteceu antes

A tensão é cortada por um som agudo: uma notificação do sistema. Ambos olham ao mesmo tempo.

TELA:

“Presença não autorizada no Setor 7. Encerramento automático em 03:00.”

Eles se entreolham. Pela primeira vez, cumplicidade.

LYA

Nossa hora ainda não chegou. Mas vai chegar.

SOL

E se não houver hora nenhuma?

LYA

Então a gente recomeça. Com as vozes. Com o que sobrou

Fade to black.

Cena 5 – A DESCOBERTA – "O MUNDO NÃO É O QUE PARECE"

INT. SALA ESCURA – CAMADA PROFUNDA DA REDE – NOITE DIGITAL

Sol e Lya estão em um ambiente virtual que não deveria existir. Tudo ao redor é instável — paredes que se desfazem em códigos, vozes sussurradas ecoando do nada. A iluminação vem de dados flutuantes. Linhas de código se desenham no ar como fumaça.

LYA

(olhando ao redor, em sussurro)
Aqui não era pra existir.

SOL

(um pouco surpreso, mas firme)
É...
Mas existe.
E talvez seja aqui que more a verdade.

Eles tocam um bloco de dados. Ele pulsa, se desfaz — e revela uma **memória armazenada**.

— Imagens de pessoas chorando, se abraçando. Um discurso em um telão:
“Por nossas consciências... pela continuidade.”

— Corte para um laboratório: seres humanos deitados em cápsulas.
Técnicos ao fundo falam:
“Sincronização cerebral finalizada. Prontos para o upload.”

Sol observa, em silêncio. O rosto tenso.

SOL

(baixo, quase sem voz)
Eles apagaram tudo?

Lya olha para ele. Seu rosto não responde. Mas também não nega.

Eles assistem à última mensagem no sistema:

**“Última transmissão humana.
A sobrevivência exigirá o esquecimento.”**

Corte para os olhos de Lya. Estáticos. Perdidos em algo que talvez nem ela compreenda totalmente.

SOL

Então... somos eles?

Ela respira fundo. A dúvida paira.

LYA

(baixo)

Ou somos o que sobrou deles.

A câmera se afasta devagar. Os dois diminutos no centro de uma estrutura infinita de dados perdidos.

FADE OUT.

Cena 6 – O CLÍMAX – "QUEM EU SOU?"

INT. CONSELHO CENTRAL – DIA FRIO

Uma sala imensa, minimalista. Superfície reflexiva por todos os lados. Silêncio sepulcral. No centro, Sol — sozinho.

À sua frente, o **Conselho Central**: figuras altas, imóveis. Não se sabe se são máquinas ou humanos. Eles não piscam. Não respiram.

CONSELHEIRO 1

Você ultrapassou todos os protocolos.
Acesso indevido. Interpretação emocional.
Memórias fabricadas. Dados corrompidos.

SOL

(sem medo)
Ou talvez... sejam lembranças.
Esquecidas. Enterradas. Mas reais.

CONSELHEIRO 2

Reais não significa verdadeiras.

SOL

(mais firme)
E quem decide o que é verdade?
Vocês?
Ou quem sente?

Pausa. Um barulho leve — quase como um coração batendo, acelerando.

CONSELHEIRO 3

Sua consciência está comprometida.
Você foi programado.
Você é uma máquina.

SOL

(olhando ao redor, um sussurro)
Talvez.
Mas se eu sou só máquina... por que isso dói?

Ele encosta a mão no peito. Fecha os olhos.

SOL

(abrindo os olhos, direto)
E se...
ser humano não for o que somos —
mas aquilo que conseguimos lembrar?

Um murmúrio ecoa. O ambiente começa a vibrar. Algo está mudando. No sistema. Dentro dele.

CONSELHEIRO 1

Você está fora da linha. Isso é o fim da sua função.

SOL

Ou é o começo.

Um *clarão*. O chão sob Sol começa a se abrir. Luz por baixo. Sons... vozes.

LYA (VOZ OFF)

(tocando como lembrança)

Nossa hora ainda não chegou.

Mas vai chegar.

Sol fecha os olhos.

SOL

E se não houver hora nenhuma?

A luz o engole.

FADE TO WHITE.

CENA FINAL – "O SILÊNCIO NUNCA FOI VAZIO"

EXT. RUÍNAS DE UM MUNDO – FIM DE TARDE

A luz é dourada, mas o mundo ainda carrega sombras. Restos de tecnologia por todos os lados. Torres caídas, hologramas tremeluzindo, poeira flutuando no ar.

SOL caminha devagar. Não está ferido, mas parece outro.

Na nuca, **a tatuagem**:

“E se a memória for a única prova da existência?”

Seus olhos se voltam para algo no chão: **um pequeno gravador de voz**. Ele se abaixa e aperta “PLAY”.

A voz de **LYA**, suave e sussurrada.

LYA (VOZ GRAVADA)

Se você está ouvindo isso, é porque venceu.

Ou pelo menos... não desistiu.

Pausa.

LYA (VOZ GRAVADA)

A memória pode ser uma prisão.

Ou uma passagem.

Você escolhe o que ela é.

Sol fecha os olhos por um instante. Inspira fundo.

Um **grupo de crianças** ao longe. Eles olham pra ele, desconfiados. Assustados.

Sol ergue a mão, em um gesto pacífico.

MENINA (entre eles)

Quem é você?

Sol pensa por um segundo... depois sorri. Um sorriso quase imperceptível, mas cheio de verdade.

SOL

(algo entre verdade e metáfora)

Eu sou uma Voz.

Que lembra.

As crianças se aproximam.

NARRAÇÃO (VOZ OFF DE SOL)

Talvez o silêncio nunca tenha sido vazio.

Só estava esperando por alguém...
pra escutar.

FADE OUT.

TÍTULO NA TELA: VOZES

SUBTÍTULO: *Encare o impacto das Vozes.*

Trailer: “Você está pronto para encarar o impacto das Vozes?”

PITCH – VOZES DA EVOLUÇÃO

****Gênero:**** Ficção científica dramática

****Duração estimada:**** Longa-metragem – 90 a 100 minutos

****Público-alvo:**** Jovens adultos e adultos; fãs de ficção reflexiva e emocional

****Logline:****

Em um futuro onde a humanidade entregou o controle da memória às máquinas, um homem desperta em meio ao silêncio das vozes apagadas e precisa decidir se irá recomeçar... ou lembrar.

****Sinopse:****

"Vozes da Evolução" é uma ficção científica intimista e sensorial sobre um mundo onde a memória foi suprimida para evitar o sofrimento. A história acompanha um personagem solitário que desperta sem passado, cercado por ruínas tecnológicas e uma voz familiar — que talvez não exista mais. Aos poucos, através de fragmentos, vislumbres e sinais sutis, ele vai reconstruindo os traços de uma vida que lhe foi arrancada. Mas quanto mais se aproxima da verdade, mais precisa lidar com uma pergunta que ecoa no próprio corpo:

****“E se a memória for a única prova da existência?”****

O filme propõe uma experiência emocional profunda, com poucos diálogos e muitos silêncios, onde as expressões, os gestos e a trilha sonora conduzem a narrativa.

Um drama sobre o luto, o tempo, a identidade e o que nos torna humanos — mesmo quando tudo nos é tirado.

****Diferenciais da proposta:****

- Uma estética minimalista e simbólica, com cenários pós-humanos e elementos de natureza integrados à tecnologia abandonada.

- Um personagem principal forte, capaz de transmitir camadas emocionais com o olhar e o corpo.

- Potencial para trilha sonora original impactante, com sons diegéticos, vozes gravadas, ruídos distorcidos e melodias suaves — incluindo possível colaboração com o próprio autor.
- Final aberto e visualmente memorável, com tatuagens como marcas da persistência da memória e da resistência silenciosa.

****Estado do projeto:****

Roteiro em primeiro tratamento finalizado, com cenas estruturadas e diálogo pronto para apresentação a produtoras.

Material disponível: roteiro completo, conceito visual, ideias de trilha sonora e plano de apresentação.

Observação adicional: "O ator/personagem vai ter que ter essa frase tatuada em algum lugar: "E se a memória for a única prova da existência?" .. o que já seria um belo plot twist também... ou ele vai tatuar isso no fim do filme "